

JOHN CHO HALEY LU RICHARDSON PARKER POSEY

# C O L U M B U S



“VISIONÁRIO”

New Yorker

“DESLUMBRANTE”

rogerebert.com

“ENCANTADOR E TERNO”

Variety





**Casey vive com a mãe numa pequena cidade desconhecida do Midwest cativada pela promessa do modernismo. Jin, um visitante do outro lado do mundo, vem assistir ao seu pai moribundo. Inquietos com o futuro, eles encontram alívio um no outro e na arquitectura que os rodeia.**

---

### **Sobre o realizador**

Kogonada é um brioso imigrante nascido em Seoul e criado no Midwest. Chamou a atenção da Filmmaker Magazine (25 New Faces of Independent Film) e do New Yorker com o seu trabalho visual e crítica cinematográfica na Criterion Collection e na Sight & Sound. Este filme é a sua estreia como realizador de uma longa metragem.

---

### **Sobre a influência do sítio**

“Fiz uma viagem de um dia a Columbus, há uns anos, com a minha mulher e os meus dois filhos. Tinha lido há pouco sobre essa Meca da arquitectura modernista nas regiões rurais de Indiana. Percorrendo a cidade, encontrei edifícios concebidos por Eero Saarinen, I.M.Pei, Richard Meier e outros. Havia um

amargor inegável em tudo aquilo – aquela cidade tranquila no conservador Midwest, que funcionava como um museu vivo (e fantasmagórico) da promessa do modernismo. Senti-me imediatamente inspirado para fazer lá um filme. Durante a nossa visita, fiquei com uma ideia dos personagens e da história que lá se desenrolaria.”

---

### **Sobre os aspectos pessoais da história**

“A morte é separação e toda a separação é uma espécie de morte. Sempre fui muito sensível a ambas. O pequeno e final adeus. Tenho pais que envelhecem e filhos que crescem, e sinto aumentar o peso dessa futura separação. Haverá significado na ausência? Como argumentamos com a sua inevitabilidade? A história de COLUMBUS emerge dessas interrogações.”





### Sobre as sobrecargas filiais de Jin e Casey

“Há uma citação pungente no início do filme de Yasujiro Ozu “Only Son” (O Filho Único – 1936) que diz, “A tragédia da vida começa com a ligação entre pai e filho.” Jin e Casey estão ambos sobrecarregados com esta ligação mas de forma totalmente diferente. Jin quer ir-se embora. Casey quer ficar. Ambos os desejos têm a ver com essa sobrecarga.”

### Sobre Casey e a arquitectura

“Penso que para a Casey a arquitectura é uma entrada para uma forma de ver. Também lhe dá ar para respirar num momento crítico da vida dela. Não sei bem se ela se tornará arquitecta, mas ficou mais consciente esteticamente. Julgo que isto acontece a todos aqueles a quem uma forma de arte sensibiliza. Frequentemente essa sensibilização estende-se a outras formas de arte e também à humanidade. Desta forma, é progressiva. O encontro da Casey com a arquitectura reflecte o meu próprio encontro com o cinema numa fase crítica. E o edifício modesto que primeiro sensibiliza Casey é semelhante ao tipo de cinema que me comoveu.”

“Uma estreia indie encantadora e bela”

**Entertainment Weekly**

“Por muito que fale de arquitectura, o filme é também uma carta de amor aos próprios filmes: a sensação de majestade que eles podem capturar e os mundozinhos estranhos que nos permitem descobrir.”

**New York Observer**

“Uma alegria para os olhos, mas é no coração que deixa a sua impressão mais duradoura.”

**Indiewire**

“Encantador e terno, assinalando Kogonada como um autor a acompanhar”

**Variety**

“Um filme com linhas precisas que capta emoções humanas muito imprecisas”

**RogerEbert.com**

200 min | EUA | 2017  
Distribuição Alambique | [www.alambique.pt](http://www.alambique.pt)

